

As mulheres nas crônicas de João do Rio¹

Isabel Travancas²
Jeniffer Batista³
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Este artigo propõe uma leitura das crônicas de João do Rio reunidas na obra *A alma encantadora das ruas*, com foco em "A musa das ruas" e "A mariposa do luxo". A análise centra-se na representação das personagens femininas, evidenciando como a ironia do autor revela contradições sociais e de gênero no espaço urbano. O objetivo é examinar essas figuras dentro de uma perspectiva crítica, destacando como as mulheres são atingidas por estigmas, marginalizadas e, ao mesmo tempo, retratadas como símbolos ambíguos da cidade, oscilando entre o encantamento, a vigilância moral e a exclusão.

Palavra-chave: João do Rio; mulher; crônica; ironia.

Introdução

Paulo Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio (1881-1921), foi jornalista, escritor, tradutor e também dramaturgo. Mais do que um cronista das ruas cariocas, foi um provocador de sensibilidades num tempo em que os papéis sociais eram rigidamente definidos — especialmente os femininos. Em suas crônicas-reportagens — muitas delas publicadas na *Gazeta de Notícias* — deu voz a personagens esquecidas e escandalosas: prostitutas, operárias, dândis decadentes, religiosas aflitas e mulheres que ousavam querer mais do que o papel de mãe ou esposa. Ao mesmo tempo que documentava o cotidiano carioca, satirizava as hipocrisias sociais e lançava luz sobre as primeiras reivindicações femininas por autonomia e dignidade.

Metodologia

A análise de conteúdo foi utilizada para a seleção de duas crônicas: "A musa das ruas" e "Mariposas do luxo". Entendemos a análise de conteúdo (Fonseca Júnior, Wilson; 2005, p. 285) como uma técnica híbrida que oscila entre a análise qualitativa e quantitativa.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Produção Editorial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), e-mail: isabeltravancas@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Produção Editorial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), e-mail: jenifferbatista031@gmail.com.



A ironia de João do Rio

A ironia é uma figura de linguagem usada para se dizer alguma coisa por meio de expressões que remetem propositalmente, ao oposto do que foi dito. A jornalista Claudia Lemos (1994: 45) ao analisar a ironia no jornalismo, chama a atenção para "dois elementos que dão charme à ironia: ambiguidade e o efeito de cumplicidade que ela cria". O próprio título da crônica "As mariposas de luxo" já traz a ironia de João do Rio (2024, p.213) ao relacionar duas "raparigas" passeando e vendo vitrines. Ele vai descrevendo seu passeio: "Ninguém as conhece, ninguém nelas repara, a não ser um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum picante sacerdotes de conquistas".

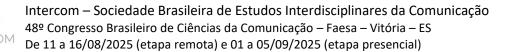
As musas e as mariposas

Neste artigo selecionamos duas crônicas que expressam o amor de João do Rio pela cidade e demonstram seu olhar de jornalista e cronista que observava o cotidiano do Rio de Janeiro.

Na crônica "As mariposas do luxo" o autor volta seu olhar para o universo das cortesãs da elite carioca, revelando muito mais que o brilho superficial que as cercava. Ao expor as ambiguidades e tensões que marcam essas mulheres — entre aparência e realidade, desejo e solidão, liberdade e exclusão — João do Rio rompe com os estigmas morais da época evidenciando a complexidade e as dificuldades de suas vidas. Longe de julgá-las, adota uma postura de escuta e compreensão, reconhecendo suas estratégias de sobrevivência em uma sociedade que as marginaliza.

Em "A musa encantadora das ruas", as mulheres são protagonistas silenciosas da cidade. Elas têm um ideal de beleza espontânea longe da aristocracia e mais próxima do cotidiano da vida. A musa das ruas é viva, é corpo em movimento, é desejo em plena luz do dia — e, por isso mesmo, é também alvo da vigilância moralista e do preconceito de classe. Sua presença sugere uma feminilidade indomada, que fascina tanto quanto inquieta os olhos masculinos habituados a domar o olhar. "A musa urbana, a Musa das ruas, que ri dos grandes fatos e canta seus amores pelas esquinas, nas noites de luar, a Musa é a de todo um milhão de indivíduos" (2024: p.347). João do Rio reconhece nelas a expressão de uma feminilidade popular que resiste, circula e se reinventa na cidade.

Conclusão



O jornalista e escritor transforma figuras femininas anônimas em musas e a vida urbana em personagem central. João do Rio redefine os limites entre jornalismo e literatura. Suas crônicas não apenas revelam as mulheres invisíveis no cotidiano da cidade, mas também ampliam seus textos como forma de registro sensível e crítico das tensões sociais do seu tempo.

Referências Bibliográficas:

CORTEZ, Luiza. As crônicas de João do Rio e as facetas urbanas do feminino. João Pessoa: UFPB, 2012.

FONSECA Júnior, Wilson. "Análise de conteúdo" In: Métodos e técnica de pesquisa em comunicação. SP: Atlas, 2005. Páginas 280-315.

LEMOS, Claudia. "Veneno administrado ou ironia a serviço da objetividade jornalística". Belo Horizonte, UFMG, *Cadernos de Pesquisa*, n. 16, p. 45-57, 1994.

MARTINS, Luis (org.) João do Rio: uma antologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024

RIO, João do. *Alma encantadora das ruas*. João do Rio; edição comentada por Luiz Antonio Simas. Rio de Janeiro, 2024.